

MÉTODO E CRIAÇÃO: HIBRIDISMOS ENTRE AS ARTES E A PSICOLOGIA SOCIAL

ANDREA DIAS¹; LAÍS VARGAS RAMM²; MONIQUE NAVARRO SOUZA²; CID PINHEIRO FARIAS²; OTÁVIO DA LUZ BORGES²; ROSEMÉRI VÖLZ WILLE²; LEILA DA SILVA RODRIGUES²; HELENA STRELOW RIE²; LUIS ARTUR COSTA³

¹UFPEL- anbadi@gmail.com; ² UFPEL; ³ UFPEL- larturcosta@gmail.com;

1. INTRODUÇÃO

A visão se apresenta na longa construção das ciências enquanto sentido privilegiado. Sentido próprio da observação, pois permite uma proximidade à distância: ver sem tocar. Ligação luminosa intangível que não interfere sobre o visto, apesar de ser compreendida como visão direta (imediata) do que há: janela para o mundo ou perscrutadora de evidências. Por isso, variar ao nosso olhar criando outras possibilidades de ver foi sempre um dos agenciamentos mais recorrentes entre a ciência e o olhar: lunetas, telescópios, microscópios, raio X, infravermelho, positrons e daí para a ampla e ilimitada gama de raios emitidos e lidos que geram visibilidades as quais pouco ou nada tem a ver com a sensibilidade da nossa retina. Mas mais do que variar a perspectiva do olhar, na ciência a visão sempre foi valorizada por sua capacidade de atestar a existência sem tocar ou cortar ao corpo em questão: para a ciência há que se ultrapassar a mera aparência de algum modo para a visão alçar o saber: “Imagens são vistas como pertencendo eminentemente ao campo sensível e, para os cientistas sociais, esse campo é um campo onde têm legitimidade apenas os artistas” (NOVAES, 2009, p.43). De fato, na ciência, a imagem é reduzida a duas funções totais: vestígio e representação inteligíveis do real. Do mesmo modo, um dos pioneiros do filme etnográfico, Robert Gardner, exaltava a inscrição audiovisual como a possibilidade de um olhar sem perspectiva, a objetivação representacional máxima: “Evidência de um tipo direto e não ambíguo, sendo a realidade capturada instantaneamente e não sofrendo distorções devido à falhas de vista, memória ou interpretação semântica” (GARDNER. Apud: BURKE, 2004, p.194).

A partir do momento em que não se toma a imagem apenas por sua relação de documento, de evidência, seremos capazes de utilizá-las para enriquecer nossa realidade, subvertê-la, recriá-la. Uma imagem sensível e inteligível: imagem como ensaio. A construção de uma poética imagética des(re)construindo as paisagens com as quais nos relacionamos, isto é a imagensaio (DUBOIS, 2004). A partir destas concepções, uma série de pesquisadores das ciências humanas e artistas experimentaram a produção de obras híbridas que se colocam entre as artes e as ciências em uma conversa que transforma nosso próprio modo de pensar ciência e arte. Este projeto de pesquisa tem o intuito de mapear e investigar estas iniciativas que se proliferam em nossa atualidade, buscando delimitar e formalizar a partir da sua análise algumas ferramentas conceituais e metodológicas que enriqueçam e facilitem estas empreitadas experimentais. O que pode a poética na Psicologia Social e como podemos elaborar estes hibridismos?

2.MÉTODO

O projeto ocorrerá através de pesquisas em produções bibliográficas, audiovisuais, sonoras e plásticas que possam ser consideradas de algum modo obras que hibridizam estratégias poéticas e científicas. Elaboraremos estudos qualitativos sobre cada obra buscando elucidá-la a partir de alguns operadores metodológicos oriundas da filosofia da diferença: seus arquivos discursivos (FOUCAULT, 1990); suas condições de possibilidade (FOUCAULT, 1990); o modo como se dá a interferência entre os campos da arte, ciência e filosofia (DELEUZE; GUATTARI, 1992); os sentidos dados para o saber produzido pela arte (BADIOU, 2002; DELEUZE, 1975); o caráter heterotópico (FOUCAULT, 2001) e crítico (FOUCAULT, 1990) das obras. segundo as pistas metodológicas da Cartografia de Deleuze e Guattari (1995).

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

Podemos então efetuar a fuga das oposições constituídas pela filosofia ocidental, as quais relegaram as aparências ao status de pouco confiáveis e ardilosas, posto que o conhecimento é perene, eterno, do contrário não seria verdadeiro. Busque-se esta verdade em uma empiria restrita (descrição de corpos e movimentos) livre da subjetividade e poesia, há que se dar chumbo à imaginação dizia Bacon (1999), ou nas formas matemáticas puras tal qual um Descartes (1999), todos viam no iluminismo a imagem como um pária, uma ilusão que obscurece a razão, mera fantasia: "...o objeto é uma coisa, e a imagem ou ilusão outra" (HOBBS, 1999, p. 32). No entanto, ao unirmos a concepção ontológica elaborada por Whitehead (que finda com nossos preconceitos com a possibilidade de sermos enganados pelas imagens) com as já apresentadas possibilidades transformadoras da poética experimental (em suas transformações dos modos de ver em alteridades do olhar), percebemos que o sentido das imagens na produção de saber nas ciências sociais e humanas, aqui trabalhado, não se encontra no juízo, na verificação ou prova iluministas, mas sim na multiplicação de possibilidades de ver.

4.CONCLUSÃO

Enquanto a ciência moderna buscou a simplificação dos fenômenos a um mínimo de fatores necessários para sua previsão e controle, a imagem poética produz um saber de caráter qualitativo onde buscamos multiplicar o número de variáveis ao máximo, lidando com informações fugazes e sutis, para tentar aproximarmo-nos não da generalização, mas sim da singularidade. Deste modo, com as diferentes perspectivas possibilitadas pela experimentação poética audiovisual, nós ampliamos nossa rede de relações (preensões) com o mundo, permitindo-nos modos de abarcar uma multiplicidade da qual não daríamos conta em outra situação. Assim, tal afetação pela singularidade da imagem poética adentra nossa constituição ontológica mesmo, contribuindo com o desvio, com a fuga, com a emergência do novo. Deste modo, a singularidade da atmosfera poética não se perde enquanto mera ilusão ou fato demasiado específico, pois permite a sofisticação de uma série de sentires e preensões outras para além desta relação específica a qual se estabeleceu. Olhar de poeta que aumenta a realidade com

seus inventos relaciona elementos antes separados, cria novos territórios ainda inexplorados (BARROS, 2010).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACON, Francis. **Novum Organum**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999.
- BADIOU, Alain. **Pequeno Manual de Inestética**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Texto editores Ltda, 2010.
- BARTHES, Roland. **A câmera clara: notas sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- BURKE, Peter. **Testemunho ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A., 1975.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia**. São Paulo: Ed 34, 1992.
- DESCARTES, René. **As meditações**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999.
- DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo, Godard**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- FATORELLI, Antonio. **Fotografia e viagem: entre a natureza e o artifício**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- FOUCAULT, Michel. O que é a Crítica. Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. **Bulletin de la Société française de philosophie**, Vol. 82, nº 2, pp. 35 - 63, avr/juin 1990. Tradução de Gabriela Lafetá Borges e revisão de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filosco/foucault/critique.html> Acessado em 20 jun 2014.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. **Ditos & escritos vol.III**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001
- GIL, José. **A imagem-nua e as pequenas percepções: estética e metafenomenologia**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1996.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. Obras incompletas. In: **Os Pensadores**. Nova Cultural: São Paulo, 1999.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. O uso da imagem na antropologia. Em: SAMAIN, Etienne (org.). **O Fotográfico**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1998.
- MACHADO, Arlindo. O filme-ensaio. Em: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Belo Horizonte, setembro de 2006.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. Ver o invisível: a ética das imagens. Em: NOVAES, Adauto (org). **Ética**. São Paulo: Ed. Companhia das letras, 1992.
- WHITEHEAD, A. N. **Proceso y realidad**. Buenos Aires: editorial losada, 1956.